

UNILEÃO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANA CLAUDIA GOMES ARRAES

**PERCURSOS DE FORMAÇÃO CLÍNICA DE UMA ESTUDANTE DE  
PSICOLOGIA SOB A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA: um relato de  
experiência**

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2022

ANA CLAUDIA GOMES ARRAES

**PERCURSOS DE FORMAÇÃO CLÍNICA DE UMA ESTUDANTE DE  
PSICOLOGIA SOB A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA: um relato de  
experiência**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Dr. FRANCISCO FRANCINETE LEITE JUNIOR

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2022

ANA CLAUDIA GOMES ARRAES

**PERCURSOS DE FORMAÇÃO CLÍNICA DE UMA ESTUDANTE DE  
PSICOLOGIA SOB A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA: um relato de  
experiência**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 08/12/2022

**BANCA EXAMINADORA**

Orientador: Prof. Dr. FRANCISCO FRANCINETE LEITE JUNIOR

Membro: Profa. Esp. CÍCERA JAQUELINE SOBREIRA ANDRIOLA / UNILEÃO

Membro: Profa. Esp. NADYELLE DINIZ GINO / UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2022

## **PERCURSOS DE FORMAÇÃO CLÍNICA DE UMA ESTUDANTE DE PSICOLOGIA SOB A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA: um relato de experiência**

Ana Cláudia Gomes Arraes<sup>1</sup>  
Francisco Francinete Leite Junior<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência sobre as vivências no campo do estágio supervisionado em Psicologia realizado numa clínica-escola. Tal relato tem como objetivo compreender como se dá o a trajetória de formação profissional diante do manejo clínico de uma estudante de Psicologia com base na orientação psicanalítica, visando analisar como se dá esse percurso a partir do estágio supervisionado, identificando os princípios éticos da psicanálise no exercício de sua prática bem como aplicá-los; e por fim debater sobre os limites e possibilidades da prática clínica sob a perspectiva psicanalítica. Foram realizados cerca de 160 atendimentos durante 01 ano com demandas variadas, o levantamento bibliográfico possibilitou a construção do aporte teórico sobre a Psicanálise, estabelecendo a diferença entre Psicologia e Psicanálise. As experiências vivenciadas possibilitaram uma análise articulada com os principais conceitos de Freud, Lacan e seus contemporâneos que subsidiaram a atividade prática no manejo clínico. Palavras-chave: Formação Profissional. Psicanálise. Estágio. Clínica. Psicologia

### **ABSTRACT**

The present work is an experience report about the experiences lived in the field of supervised internship in Psychology carried out in a clinic-school. This report aims to understand how the trajectory of professional training takes place in the clinical management of a Psychology student based psychoanalytic orientation, to analyze how this pathway takes place from the supervised internship, identifying the ethical principles of psychoanalysis in the exercise of its practice as well as how to apply them; and finally to discuss the limits and possibilities of clinical practice from a psychoanalytic perspective. About 160 appointments were made during one year with varied demands; the bibliographical survey allowed the construction of the theoretical support for Psychoanalysis, establishing the difference between Psychology and Psychoanalysis. The lived experiences enabled an analysis articulated with the main concepts of Freud, Lacan, and their contemporaries that subsidized the practical activity in clinical management. Keywords: Professional Training. Psychoanalysis. Internship. Clinics. Psychology

---

<sup>1</sup>Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: anaclaudiaarraes@hotmail.com

<sup>2</sup>Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: francinetejunior@leaosampaio.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, a formação em Psicologia clínica se inicia durante a graduação e é através da experiência da prática profissional que se consegue desenvolver habilidades para a condução clínica dos processos de atendimentos já que as questões não se esgotam em aspectos teóricos. Considerando as mudanças e a ampliação da presença da Psicologia no cenário brasileiro, este artigo ressalta a importância de os estudantes repensarem suas práticas profissionais durante seu processo de formação universitária.

Embora o tema já tenha sido abordado anteriormente, sua relevância atuação é pertinente, tal como evidenciar questões sobre a particularidade da formação na área da Psicologia no campo psicanalítico. Durante o processo de formação da graduação um dos grandes desafios em Psicologia são os estágios supervisionados, pois apresentam-se como uma oportunidade que permite ao futuro profissional conhecer, analisar e refletir sobre seu ambiente de trabalho.

Segundo Pimenta e Lima (2012) o aluno de estágio precisa enfrentar a realidade munido das teorias que aprende ao longo do curso, das reflexões que faz a partir da prática que observa e das experiências que viveu e que vive enquanto aluno.

A formação de psicanalistas demanda uma especificidade ainda maior enfatizando o processo de análise principalmente de quem a almeja como condição necessária, incluindo a supervisão e a construção da dimensão teórica. As diversas tentativas de buscar o melhor modelo para atender à práxis psicanalítica como experiência singular sempre foram objeto de discussão dentro do movimento psicanalítico. É nesse contexto que Freud (1926) escreve A questão da análise leiga, afirmando que a análise deve ser conduzida por uma pessoa, seja médico ou não, que tenha a formação psicanalítica específica para tanto. Essa formação específica é composta pelo tripé formação teórica, análise pessoal e supervisão clínica, e sua base é a análise pessoal.

Este estudo tem como justificativa relatar o percurso de formação de uma estudante de Psicologia na atuação clínica com base na psicoterapia de base psicanalítica, sobretudo para responder minhas próprias inquietações sobre como se dá o processo de formação profissional em Clínica tendo em vista a diversidade das intervenções no campo das psicoterapias. Nesse contexto, o trabalho mostrará como o estudo do tema pode ser aplicado na prática clínica considerando o processo de subjetivação que perpassam os estudantes de Psicologia na sua singularidade, ampliando as discussões sobre esta temática. O objetivo geral deste estudo é compreender a trajetória de formação clínica de

uma estudante de Psicologia no manejo clínico com base na orientação psicanalítica, visando analisar como se dá a trajetória de formação do psicólogo a partir do estágio supervisionado, identificar os princípios éticos da Psicanálise no exercício de sua prática bem como aplicá-los; e por fim debater sobre os limites e possibilidades da prática clínica sob a perspectiva psicanalítica através do relato de experiência em estágio na clínica-escola.

## **2 METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, realizado a partir da vivência acadêmica no estágio supervisionado em ênfase nos processos clínicos de uma estudante do curso de graduação em Psicologia de uma instituição de ensino localizada na cidade de Juazeiro do Norte, Ce. O estágio ocorreu no período entre março de 2021 até de julho de 2022, sobre orientação e acompanhamento do professor da disciplina de estágio supervisionado. Por se tratar de um Relato de Experiência, não necessita de submissão ao comitê de ética e pesquisa, por se evidenciar as experiências sob a perspectiva da estagiária em articulação com os teóricos, não destacando a dimensão ética do espaço e tão pouco dos pacientes atendidos.

Sendo assim, este texto, configurado enquanto um relato de experiência, refere-se a uma construção baseada em acontecimentos da vida real, embasados por aportes teóricos, expondo os problemas observados, os procedimentos, intervenções e técnicas utilizadas durante as experiências (GROLLMUS; TARRÉS, 2015).

A disciplina de estágio supervisionado em ênfase em processos clínicos é composta de 320 horas, divididas em dois momentos. O primeiro momento consiste na orientação realizada em sala de aula na própria instituição, os encontros são realizados no horário das 14:00 às 17:00, conduzidos pelo professor orientador da disciplina. As supervisões são realizadas em grupo, onde são apresentados os casos de atendimento no campo de estágio, estes são discutidos a luz da teoria de abordagem psicanalítica. O segundo momento consiste na realização das atividades no campo de estágio e supervisionados pela psicóloga responsável do local. A jornada de atividade prática no estágio foi distribuída em 8 (oito) horas semanais. As atividades consistiam em realizar atendimentos aos usuários do serviço de Psicologia nas modalidades de plantão psicológico e psicoterapia individual.

Antecipadamente foi realizado um levantamento bibliográfico, foram usados artigos que apontam como se dá a construção do processo de formação em Psicologia no

âmbito acadêmico e sobre a atuação na clínica. De forma geral os artigos discorreram sobre a contribuição e importância dos estágios para o desenvolvimento dos alunos em formação, porém verificou-se que poucos abordam a temática sobre a perspectiva da formação em Psicologia de base psicanalítica durante o processo de formação acadêmica.

Empregou-se a abordagem qualitativa de natureza aplicada por ser considerada a mais adequada à compreensão de fenômenos específicos e delimitáveis. Os dados coletados no campo foram gerados a partir da observação participante e registrados em um caderno de anotações para análise posterior.

O envolvimento nas atividades do cotidiano foi realizado de forma gradual com o propósito de registrar e analisar as reflexões diante dos aspectos vivenciados. Foram aspectos relevantes para as observações e registros a experiência da estagiária, sua rotina no campo e nas supervisões relacionando as teorias que embasam a formação em Psicologia e a base psicanalítica.

### **3 PERCURSOS DE FORMAÇÃO ACADÊMICA EM PSICOLOGIA: BASES TEÓRICAS**

Os estágios curriculares constituem-se no espaço para exercício da Psicologia no percurso da formação universitária, é através deles que o estudante tem a oportunidade de se experimentar e construir o lugar de terapeuta e a clínica escola abre um campo de pesquisa privilegiado na universidade. Trata-se de um momento de transição entre a academia e o exercício profissional.

O estágio em Psicologia é o procedimento prático obrigatório de formação do psicólogo para o exercício profissional, a Lei 4.119, artigo 16, de 27 de agosto de 1962, que dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo no Brasil, esclarece as atividades privativas do psicólogo e pontua o estágio como uma prática necessária para a formação desses profissionais, e a Lei 11.788 de 25 de setembro de 2008, dispõe sobre o estágio de estudantes (SEI; PAIVA, 2011).

Segundo Silva (2005), estudar o período de formação do psicólogo — sobretudo o que se estende da teoria à prática — é de extrema importância, visto que o estágio é o primeiro contato com a experiência profissional após quatro anos de estudos teóricos.

O Art. 1º da Lei 11.788, caracteriza como estágio o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa a preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação

especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008).

O Processo de estágio envolve o aluno estagiário, o supervisor acadêmico e o supervisor do campo, cada um com suas competências e responsabilidades. Cabe ao supervisor de campo verificar pessoalmente a capacitação técnica de seu estagiário, supervisionando-o e sendo responsável direto pela aplicação adequada dos métodos e técnicas psicológicas e pelo respeito a ética profissional (CFP nº3/2007 Art 3º).

Segundo Zaslavsky *et al.*, (2003) a supervisão costuma ocorrer com um terapeuta menos experiente que apresenta seu material coletado em sua prática clínica para um outro terapeuta mais experiente, no caso o supervisor. O supervisionando relata da forma mais aproximada possível o que transcorreu na sessão psicoterápica.

Sob a perspectiva da Psicanálise, cabe ressaltar que esta é um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica (FREUD, 1856-1939). O essencial da prática analítica, é a abertura à escuta da singularidade e o cerne do dispositivo freudiano é a associação livre. Assim a escuta psicanalítica transforma-se e amplia-se radicalmente: a tarefa do psicanalista não mais consiste em recuperar uma história, mas também em possibilitar simbolizações estruturantes, é necessário também que o analista esteja atento ao que está para além de que se apresenta no discurso do sujeito e ouvir o que não somente está sendo dito.

No início do tratamento, geralmente, observa-se a emergência de um vínculo muito agradável na situação analítica, há uma necessidade de estabelecer confiança para que o paciente se engaje no tratamento. Numa psicanálise, com efeito, o sujeito propriamente dito constitui-se por um discurso em que a simples presença do psicanalista introduz, antes de qualquer intervenção, a dimensão do diálogo (LACAN, 1901-1981).

Talvez aí se faça presente com mais clareza o que está além da palavra escutada no processo analítico: a transferência como técnica fundamental só é possível na medida em que Freud (1912) vai valorizando o complexo encontro que ocorre entre o paciente e o analista, porém ela não é condicionada ou motivada pelo analista. A transferência não é, portanto, uma função do analista, mas do analisante. A função do analista é saber utilizá-la. (QUINET, 2009)

Em *A Dinâmica da Transferência*, Freud (1912) distinguia duas atitudes básicas do analisando: de um lado, a cooperação, e de outro, a resistência. Estas atitudes, que se contrapõem entre si, foram incluídas na transferência. A teoria da transferência em Freud permite, assim, discriminar: (1) uma "transferência positiva sublimada" e (2) as resistências que se alimentam tanto da transferência erótica (quando o vínculo transferencial assume um caráter sexual), quanto da transferência negativa (quando o vínculo transferencial adquire um caráter hostil, seja de um modo aberto ou velado).

#### **4 PSICANÁLISE E A RELAÇÃO COM A CIÊNCIA**

É muito frequente toparmos hoje com textos que consideram a Psicanálise uma técnica alheia a qualquer preocupação científica. Segundo Albertine (2008), em uma perspectiva rigorosa, entende-se por Ciência o modo de produção de conhecimento seguindo parâmetros metodológicos. Quintaneiro *et al.*, (1996) traz a fundamentação do projeto de construção do conhecimento científico que se deu então a partir do trabalho destes três pensadores: Descartes (1596-1650), que propôs como ponto de partida de todo conhecimento a busca da verdade primeira que não pudesse ser posta em dúvida promovendo um "questionamento radical do princípio de autoridade como forma de conhecimento", Francis Bacon (1561-1626) que compreende a ciência como um novo órgão, com ele tem início o caráter "prometéico" da ciência: o não um saber contemplativo e desinteressado, mas um saber instrumental, que possibilite a dominação da natureza e por fim, Galileu Galilei (1564-1642) que enfatizou a atitude empírica na pesquisa científica.

Sigmund Freud apresenta uma ciência singular que propõe um sujeito também singular, único, e que exige algo para além da evidência sistemática, a qual explica coisas que o ser humano faz e sente por meio de especulações, contudo a experiência do sujeito, sua história, não são dados que poderiam fornecer um critério suficiente de credibilidade e legitimidade científicas, cabendo à psicanálise uma definição muito mais próxima às ciências semiológicas ou históricas. (Japiassu,1989).

O objeto erigido pela psicanálise é o inconsciente, porém há muitas discussões quanto a sua legitimidade científica. A psicanálise conquista para a ciência um novo continente - o do psiquismo inconsciente. Ao promover um corte paradigmático através de seus conceitos, a psicanálise gera um complicador, na medida em que seus pressupostos anunciam que essa ciência se ocupa, sobretudo, da subjetividade num tempo

em que a exigência era a de se atingir um conhecimento objetivo e generalista. (Prudente, 2005).

Japiassu (1989) discute, em seu livro *Psicanálise: Ciência ou Contra-ciência?* que os críticos que sustentam suas abordagens a partir do empirismo lógico e do racionalismo crítico de Karl Popper indagam se a psicanálise constitui uma teoria propriamente científica, e se deve satisfazer às mesmas regras lógicas de uma teoria científica. Segundo o autor, os empiristas afirmam: parece que não podemos deduzir nada de preciso das noções energéticas do freudismo, posto que são vagas e metafóricas. São noções sugestivas, mas não susceptíveis de validação empírica. Freud reagiu com vigor a todas as críticas em relação a seu anseio de ser homem da ciência. Em seu manuscrito de 1895, *Projeto para uma Psicologia Científica*, o Projeto suscita a discussão em torno da possibilidade de uma Psicologia entendida como ciência natural, cujo objeto de estudo é delineado de maneira clara, à luz do paradigma da Física, já no primeiro parágrafo, apresenta sua intenção sobre: a finalidade deste projeto é estruturar uma Psicologia que seja uma ciência natural, isto é, representar os processos psíquicos como processos quantitativamente determinados de partículas materiais específicas (FREUD, [1895] 1974).

Lacan por sua vez não é tão preciso ao falar do discurso da ciência, segundo ele, a descoberta de Freud inaugura um discurso inédito, uma nova modalidade de laço social, a partir da qual podemos pensar retroativamente as outras modalidades já existentes desde sempre na civilização (LACAN, 1970/1992). A psicanálise apresentada por Lacan é caracterizada como uma epidemia científica, abrindo novas concepções sobre aquilo que se chama universo. É uma ciência moderna na medida em que, com a modernidade, esteve sempre comprometida. Não há ciência do homem, o que nos convém entender no mesmo tom do ‘não existem pequenas economias’. Não há ciência do homem porque o homem da ciência não existe, mas apenas seu sujeito (LACAN, 1998).

Em “A ciência e a verdade”, Askafaré (2002) faz a seguinte análise: que o objetivo de Lacan é apontar que a psicanálise e determinadas disciplinas têm em comum o fato de que sua submissão às exigências das ciências físicas é simplesmente suicida. Freud, na sua busca por explicar racionalmente uma prática clínica original, distancia-se de Lacan, uma vez que se teria engajado na construção de um sistema orgânico de conceitos que lhe permitiram fundar a ciência psicanalítica e constituir o seu campo de saber naquilo que tornou possível avaliar o sentido e o alcance de sua descoberta.

Askafaré concebe o ponto de distanciamento entre Freud e Lacan na medida em que, neste último, pode ser identificada uma destituição do ideal da ciência, ou, melhor dizendo, destituição da ciência como ideal da psicanálise. “A ciência permanece sendo um ideal e a cientificidade da psicanálise um projeto, o programa freudiano” (ASKAFARÉ, 2002). Outra discussão aparece sobre o ensino da Psicanálise, o breve texto de Freud, publicado em 1919, abre para uma interrogação: "Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?" (FREUD, 1919/2010). Naquela época houve uma agitação entre os estudantes de medicina, no sentido da inclusão da psicanálise no currículo e sobre a disposição das universidades atribuírem valor à psicanálise, e de que forma e onde ele deve ser inserido no currículo acadêmico. Para o autor a importância da psicanálise para o conjunto da formação médica e acadêmica era apresentar o significado dos fatores psíquicos nas diversas funções vitais, assim como nas enfermidades e em seu tratamento, o que levou a inserção do curso de Psicologia médica no currículo universitário.

Freud reconhece que o estudante não aprenderá de fato a psicanálise, se considerarmos seu efetivo exercício, é preciso que “ele aprenda algo sobre e com a psicanálise”. O ensino proposto por Freud era que somente poderia ser ministrado de forma dogmática, em aulas teóricas, pois existia a dificuldade em relação aos experimentos ou demonstrações práticas. Para a pesquisa que o professor de psicanálise deverá realizar, bastaria ele ter acesso a um ambulatório com pacientes "neuróticos", e, quanto à psiquiatria psicanalítica, um serviço de internação também deveria estar disponível (FREUD, 1919/2010,). Contudo, esta opção foi atrativa, pois esse ensino dogmático, no sentido de ser eminentemente expositivo, encaminhava-se apenas como divulgação. Nos dias atuais, o que definiria, uma das peculiaridades da interlocução entre a psicanálise e a universidade, e que se recorta mesmo como objeto de interesse, é a articulação da pesquisa em psicanálise inserida na universidade com a instituição psicanalítica.

A Psicanálise entra na universidade a partir da década de 1950. No Brasil, as primeiras referências às teses freudianas ocorrem no meio psiquiátrico carioca. A primazia dessa difusão cabe a Juliano Moreira, fundador da psiquiatria moderna no país, que em 1914 apresenta um trabalho sobre o tema na Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal. A presença da Psicanálise nos cursos universitários e a valorização de seu estudo nos moldes acadêmicos têm evidente repercussão nos órgãos de fomento à pesquisa, as pesquisas permitem que a universidade cumpra seu papel

fundamental, que é garantir a produção de conhecimento alinhada às demandas concretas da comunidade, em suas vertentes de ensino, pesquisa e extensão, porém ainda suscitando questionamentos clínicos e acadêmicos.

De acordo com Sousa (2001) a Psicanálise na universidade se mostra como um efeito do ensino de Lacan, e como o desdobramento tardio, aqui no Brasil, do rompimento de Lacan com a IPA (Associação Internacional de Psicanálise) pois há uma maior afinidade entre o modo lacaniano de fazer teoria e o ensino universitário. Ainda sobre o autor, Lacan foi o único a tomar a iniciativa de levar o ensino da Psicanálise para a universidade, dando seguimento à sua preocupação em abrir o estudo aos não-analistas de modo a expor a teoria psicanalítica ao confronto com outras modalidades de saber.

Na década de 1970 foi criado um curso de especialização em Psicologia Clínica na PUC-RJ com o objeto de formar psicólogos "psicanalistas", pois a IPA (Associação Internacional de Psicanálise) não permitia naquela época a formação e a entrada de psicólogos em seu meio, o que só vai ocorrer a partir da década de 1980. A universidade exerce então a função de formar esses profissionais, embora não reconhecidos como psicanalistas. Uma questão de política corporativista, que se revestia de diferenças teórico-técnicas artificiosas e infundadas para caracterizar o que seria permitido aos psicólogos como: menor frequência e duração do tratamento, restrições ao uso do divã, ênfase em interpretações ditas "menos profundas", técnicas "pré-verbais", não trabalhar a "regressão" e avaliar os limites de tolerância da angústia etc. (FIGUEIREDO, 2008).

Com a aceitação dos psicólogos pela IPA, a psicanálise começa a ser redefinida. Paralelamente a este movimento, houve a regulamentação da profissão de psicólogo com a criação do CFP em 1971.

## **5 PSICOLOGIA E PSICANÁLISE**

Partindo do pressuposto de que o tratamento em psicoterapia diverge da psicanálise, discussão existente principalmente desde a década de 40, como analisado por Zimmerman (1999), "as semelhanças, diferenças, tangências e superposições entre o que se costuma denominar psicanálise e psicoterapia psicanalítica têm sido muito estudadas e discutidas, principalmente desde a década de 40, permanecendo na atualidade como um assunto controverso e polêmico", abordarei neste trabalho as diferenças existentes em ambas as áreas, provocando e enfatizando também as suas características semelhantes, a partir da história do desenvolvimento e evolução das mesmas.

Para o autor citado, a psicoterapia era, inicialmente, um termo genérico empregado para designar qualquer tratamento realizado com método e propósitos psicológicos, sendo a Psicanálise uma forma de psicoterapia. A Psicanálise, inicialmente, era vista como uma forma parcial da psicoterapia, uma vez que esta era um termo designado para o tratamento de qualquer adoecimento psíquico, sem importar seus métodos ou técnicas utilizadas (ZIMERMAN, 1999; SCHWARTZ, 2000). Sendo assim, a psicanálise não era vista como uma área própria e individual, com seus métodos e técnicas recorrentes, e sim como uma extensão da primeira, vindo a ser difundida posteriormente.

A princípio, trabalhando superficialmente, nós podemos enxergar que a técnica de Psicanálise consiste no uso do divã, sendo realizado 4 a 6 sessões semanais, cumprindo o que promete a gênese da neutralidade e a regra da abstinência, a fim de realizar um trabalho que se limite em interpretação, e quando na presença do quadro de uma neurose de transferência, se justifica a elaboração de conflitos e traumas na infância; a psicoterapia, por sua vez, apresenta-se como “menos imediatista” por manter uma frequência inferior à psicanálise, além de dispor de uma relação de frente entre terapeuta e paciente, utiliza-se ainda de intervenções variadas em oposição a interpretação transferencial. Ambos os tratamentos se caracterizam pela investigação da raiz do conflito inconsciente do sujeito e dos seus mecanismos de defesa, pois buscam compreender as fantasias não manifestadas, mas que estão intrinsecamente associadas a problemática apresentada.

Entre 1880 e 1900, surgiram as primeiras psicoterapias, com os laboratórios de psicologia experimental tutorados por W. Wundt e W. James, mas também foi o período em que surgiu as psicoterapias sugestivas, e a psicanálise (NICARETA, 2010). Vários autores e estudiosos conceituam a psicanálise, e a partir de determinadas vertentes, ela pode ser estudada como mecanismo para tratar de doenças de natureza psicológica sem motivação orgânica. Só a partir da clínica de Sigmund Freud (1856 – 1939) é que acontece a valorização e o aprimoramento da técnica, logo, a psicanálise atinge reconhecimento científico e público. Quando Freud iniciou seus estudos em psicoterapia e Psicanálise, ele não fazia a distinção em nomenclatura, ele sentia a necessidade de distingui-la apenas da medicina tradicional. Em 1919, entretanto, Freud percebeu a importância que deveria ter em diferenciar seus métodos das técnicas empregadas pela sugestão direta. Acreditando que a Psicanálise era a forma ideal de tratamento psicológico, considerada por ele como “ouro puro” (Freud, 1919).

Tratando-se aqui da conceituação em psicanálise enquanto área consolidada; enquanto a psicoterapia seria um termo genérico, comumente utilizado para designar a qualquer forma de tratamento psíquico, independente da técnica utilizada. Freud veio a utilizar o termo de “terapia psicanalítica” para estabelecer uma conexão com o tratamento psicológico que criara, desenvolvendo seus estudos da teoria psicanalítica.

A psicanálise, até então na medicina, foi aceita pela Psicologia, e nos anos de 1950 passou a ganhar espaço nos ambientes acadêmicos como técnica, aplicada e aprendida nas universidades, a partir daí, Freud havia concebido uma psicanálise que não era leiga (1926/197b). Nicareta (2010), ressalta a dificuldade que o psicanalista teve em distanciar-se da psicoterapia, mesmo demonstrando oposição a mesma, quando definia a primeira como “psicanálise pura”, distanciando-a do conjunto de práticas que faziam parte das técnicas psicoterapêuticas.

Ainda sobre o autor, a psicanálise tem a particularidade de ser difícil em definição, uma vez que, trata-se de uma teoria, mas não é ciência, ainda, é terapêutica, mas não é psicoterapia. A psicanálise lacaniana defende que o sujeito é constituído pela linguagem, assim como seu inconsciente; sem a linguagem, o inconsciente seria um vazio. De acordo com Lacan, a constituição do indivíduo surge da sua relação com o outro, reformulando as bases da teoria freudiana por meio da relação entre a filosofia e a psicanálise.

Descrevendo assim grande parte da indefinição conceitual atual entre psicoterapia e psicanálise. Tratando-se do termo “psicanálise”, há a alusão de uma modalidade de tratamento que unicamente se utiliza dos referenciais e fundamentos da ciência psicanalítica estruturada por Freud, ou seja, o profissional terapêutico tem seu trabalho intrinsecamente relacionado a noção e princípios que regem o inconsciente, quanto a prática clínica, essa obedece às condições psicanalíticas básicas, como “a instituição e a manutenção de um setting adequado, uma atenção prioritária na existência de um campo analítico, com as respectivas resistências, transferências, contratransferência, além de uma continuada atividade interpretativa” (ZIMERMAN, 1999).

Jacques Lacan retomou os conceitos freudianos, e com base na linguagem estrutural, estabeleceu o pensamento do “inconsciente estruturado como linguagem” (LACAN, 1998). Entretanto, o simbólico e o termo não delimitava ou transmitia o que o sujeito exprimia, não sendo suficiente para a experiência humana. Logo, ele trouxe o conceito de “gozo”, o que fez com que assim como Freud e a “Pulsão de morte”, transmitisse a sensação de prazer e desprazer. O sintoma, nessa perspectiva, passou a ser

entendido como uma defesa diante do excesso de gozo que estrutura nossa existência (SANTOS, 2005).

Diferente da psicoterapia, a psicanálise manifesta o seu interesse, de modo quase exclusivo, por esse sujeito que está situado em um espaço de atuação das pulsões, entre o significante que o nomeia e aquele que lhe escapa, "penso onde não sou, portanto sou onde não me penso". Lacan (1998) Logo, o paciente que está presente não é aquele que nos revela o paciente da enunciação, mas sim aquele que desenvolve o desconhecimento desse segundo.

Zimerman (1999) descreveu alguns pontos do que se pode entender com o que foi apresentado até aqui, desde a conceituação dos termos às demais diferenciação entre as áreas em destaque; o conceito entre psicoterapia e psicanálise é bem delimitado entre os autores, entretanto, psicoterapia é ainda mais abrangente; por sua vez, a psicanálise é tratada com mais profundidade na investigação do conflito psíquico do sujeito. Tais estudos nos mostram que, embora, dentro dos conhecimentos apresentados, as duas áreas são vivenciadas por diversos sujeitos para fornecer uma consciência em tratamento, evidenciando a necessidade de repensar os métodos em atualização, investindo nas singularidades e nas contingências que surgem em nossos campos de investigação.

## **6 UMA EXPERIÊNCIA A SER CONTADA**

Este relato constitui-se a partir da experiência do estágio em clínica vivenciada por uma estagiária de Psicologia durante 01 ano de atendimentos psicológicos semanais na clínica-escola de uma universidade privada na cidade de Juazeiro do Norte, Ce. Trata-se das principais inquietações vivenciadas durante o processo de formação enquanto psicoterapeuta de base psicanalítica.

Sabe-se que a lei federal 11.788, de 25 de setembro de 2008, que regulamenta o estágio de estudantes, prescreve o estágio como ato educativo escolar supervisionado a ser cumprido no ambiente de trabalho e destinado a preparar o educando à execução de tarefas produtivas, ao desenvolvimento de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, tendo em vista sua preparação para a vida cidadã e atividades laborais (BRASIL, 2008).

O estágio profissional na clínica-escola possibilitou o despertar na estagiária para seguir seu percurso de formação de acordo com os preceitos psicanalíticos devido a sua identificação com a perspectiva teórica que orientavam suas intervenções.

Sabe-se que o ensino da Psicanálise nos cursos de Psicologia não pode ser considerado como o bastante para a formação de analistas. Essa formação específica é composta pelo tripé de formação teórica, análise pessoal e supervisão clínica, e sua base é a análise pessoal, sendo assim buscou-se investigar como se deu essa trajetória da estagiária de durante seu percurso acadêmico.

Foram realizadas aproximadamente 160 sessões de atendimento, o atendimento foi realizado na clínica-escola que além de ser campo para o estágio é um espaço onde acolhemos pessoas que passam por um momento de crise e não possuem recursos para dar conta da sua existência, conseqüentemente as deixando desestabilizadas. O público atendido foram adultos, adolescentes e crianças com demandas variadas nas modalidades de plantão psicológico e psicoterapia de base psicanalítica. Para a Psicanálise a perspectiva de plantão psicológico, pode ser vista como urgência subjetiva, onde a questão preliminar é formulada a partir do conceito de angústia e da teoria do trauma. Angústia é correlata do momento (temporalidade) em que “o sujeito está suspenso entre um tempo em que ele não sabe mais onde está, em direção a um tempo em que ele será alguma coisa na qual jamais se poderá reencontrar” (LACAN, 1956- 1957/1995).

No atendimento com crianças a estagiária também buscou a base analítica. Para Winnicott, (1975) o manejo da técnica, enquanto método de intervenção com as crianças, está atrelado ao ato de brincar. É no brincar, somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar a sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self). Diante dessa proposição, no setting terapêutico, a estagiária propunha o brincar colocando-se em presença efetiva na ação juntamente com a criança, o intuito era permitir que a brincadeira emergisse entre ambos promovendo um espaço de aproximação e comunicação e conseqüentemente facilitando o processo de análise.

Na fase inicial dos processos psicoterápicos, a estagiária realizou as primeiras entrevistas para levantar os possíveis diagnósticos e formalizar o contrato terapêutico, Considera-se mais de uma sessão para realizar as entrevistas preliminares visto que nem sempre é possível demarcar nitidamente as demandas do paciente somente no primeiro atendimento.

As entrevistas cuja função diagnóstica são a relação sintomal e transferencial correspondem ao Tratamento de Ensaio, para Freud e Entrevistas preliminares, para Lacan (QUINET,2009). Nesse trabalho preliminar, a estagiária questionava seus pacientes sobre seu sintoma a fim de identificar se havia alguma questão psicopatológica

ou se tratava-se apenas de um sofrimento, neste momento foi importante avaliar qual a estrutura clínica se apresentava no paciente para que fosse possível direcionar o tratamento.

Na clínica analítica, o ato diagnóstico só pode ser buscado no registro simbólico, sendo necessariamente, de partida, um ato deliberadamente posto em suspenso e relegado a um devir. É quase impossível determinar com segurança, uma avaliação diagnóstica sem o apoio de um certo tempo de análise. Mas é preciso, no entanto, circunscrever, o mais rápido possível, uma posição diagnóstica para decidir quanto à orientação da cura (DOR, 1991). Nas entrevistas preliminares, é importante, então, no que diz respeito à direção da análise, ultrapassar o plano das estruturas clínicas (psicose, neurose, perversão) para se chegar ao plano dos tipos clínicos (histeria — obsessão), ainda que “não sem hesitação”, para que o analista possa estabelecer a estratégia da direção da análise sem a qual ela fica des governada. Logo, neurose, perversão e psicose foram estabelecidas como estruturas clínicas que expressam a relação do paciente com o mundo, e conduziram o tratamento. A função da estagiária neste momento foi identificar a demanda do sujeito, o tipo de estrutura para só então planejar junto ao supervisor do estágio o melhor manejo clínico e tentar oferecer-lhe alívio durante o decorrer das sessões. Esses primeiros contatos são importantes também para aproximar-se do paciente.

Sobretudo é importante ressaltar que para a Psicanálise é importante que a comunicação não se dê antes de serem preenchidos dois pré-requisitos: primeiro, até que o doente se aproxime ele próprio do recalcado, com preparação adequada, e segundo, até que ele tenha se apegado ao médico em tal medida (transferência) que os sentimentos em relação ao médico tornem impossível uma nova fuga (FREUD, 1910). Nos primeiros contatos a estagiária buscou apresentar-se ao paciente, investigar se o paciente já havia feito psicoterapia em algum momento e esclarecer ao paciente o espaço de sigilo, tudo com o intuito de estabelecer vínculo com o paciente. Sobre a função transferencial refere-se ao vínculo com o sujeito em análise.

Assim como a transferência pode contribuir para a evolução do tratamento, ela também pode aparecer como obstáculo, nem sempre é possível estabelecer o vínculo com o paciente logo nas primeiras sessões, principalmente quando há mudança de estagiário de um semestre para outro. Alguns pacientes mostraram-se resistentes, alguns reagiam com silêncio durante a sessão. A transferência negativa reflete o deslocamento de impulsos agressivos em vez de libidinais (FREUD, 2017/1912).

Segundo Quinet, (1991) trata-se de uma ilusão na qual o sujeito acredita que sua verdade se encontra já dada no analista e que este a conhece de antemão e se faz necessário que o analista sustente esta posição de sujeito suposto saber para transformar a transferência demandante em transferência produtora.

Após atingir o sujeito sob transferência uma das chaves fundamentais para o acesso ao analisar, uma vez reconhecido o objeto da análise, será a própria análise pessoal da estagiária. A razão para tal consenso repousa na constatação de que o objeto na psicanálise não pode se apresentar de forma exclusivamente intelectual, mas, sim, na experiência. (FERRAZ, 2014). Antes mesmo de iniciar os atendimentos a estagiária iniciou seu processo de análise pessoal tendo em vista a carga emocional vivenciada pela expectativa da experiência do estágio e como forma de se preparar através do autoconhecimento para iniciar seus atendimentos. Segundo Freud (1912) o psicanalista deve se servir de seu inconsciente como um instrumento na análise com o analisando, o indivíduo razoavelmente saudável que, deseja trabalhar com a psicanálise, pode muito se beneficiar com ela, adquirindo autoconhecimento, autocontrole e adquirindo possivelmente uma capacidade madura de se autoperceber ou autoanalisar.

Foi por meio da análise pessoal que a estagiária se convenceu da pertinência da teoria, que se torna sensível aos processos psíquicos em si mesmo até como forma de superar suas resistências. Durante seu processo de análise a estagiária se depara com a angústia de não se sentir completamente preparada para conduzir os seus atendimentos e percebe que o ofício de analisar não se resume apenas a conhecimentos técnicos de um dado método de trabalho, mas pressupõe a participação do instrumento psíquico do analista na tarefa de acompanhar o analisando em sua própria descoberta. Como cita Quinet (2009) saber analisar é justamente "saber não saber", e isto difere radicalmente de outros saberes que se aplicam em outros ofícios. Esse não saber implica numa solidão, numa sensação de impotência que por algum momento paralisa a estagiária e a faz repensar no desejo de ser analista. Ainda sobre o autor, a solidão do ato analítico se distingue do estar isolado, pois é um ato que implica o laço social: o discurso do analista. Questionar esse "não saber" que impera o campo psicanalítico é uma forma de começar a buscar aquilo que pode nos guiar: a teoria.

O estudo teórico, no âmbito da formação, produziu uma apropriação intelectual do objeto da psicanálise possibilitando um discurso sobre ele. Embora a estagiária tenha tido acesso aos conhecimentos teóricos na universidade, foi necessário então debruçar-se na literatura da Psicanálise e um estudo teórico mais aprofundado dos textos

fundamentais, porém sem excluir a importância da análise pessoal também para compreensão da teoria. Dentro dessa perspectiva de apreensão subjetiva, a estagiária buscou aprofundar a leitura da doutrina analítica participando de grupos de estudos e círculos de leituras. Suas vivências pessoais trazidas em seu processo de análise, tais como história de vida, processo de luto e perda, a dificuldade em interromper o paciente durante a sessão, e a expectativa de curar os pacientes possibilitaram assimilar as teorias e conceitos psicanalíticos sob a forma de uma elaboração subjetiva.

Sobre a formação do analista, Quinet (2009) refere-se a escola de Lacan e afirma como instituição psicanalítica que garante a formação dos analistas, é solidária, portanto, da concepção de que se tornar psicanalista não é uma escolha profissional, considerando este processo como uma passagem que se realiza no interior de um processo analítico.

A supervisão também fez parte dessa seção do tripé de formação analítica, na ocasião realizada por um professor (supervisor). No momento da supervisão, o professor, mais experiente orientava a estagiária em formação sobre a doutrina da psicanálise e as possibilidades de manejo técnico, bem como a ética no exercício profissional. O supervisor do estágio também sempre esteve atento às posições identificatórias e aos movimentos transferenciais e contratransferências da estagiária permitindo assim efeitos analíticos mesmo não sendo em análise. Foram nesses momentos que a estagiária pode perceber suas aproximações e distanciamentos no que diz respeito as estruturas psíquicas a serem trabalhadas durante seus atendimentos.

A supervisão, é o lugar da verificação da elaboração e até mesmo da retificação do ato analítico que o analista efetua junto a um colega, dentro de uma transferência de trabalho (Quinet, 2009).

Durante as supervisões do estágio a estagiária pôde ter clareza relativas às estruturas ou tipo clínico dos pacientes atendidos que possibilitaram a uma conclusão diagnóstica que orientassem o tratamento. Foi também o lugar onde puderam ser levadas as questões relativas ao sintoma, à fantasia, às passagens ao ato, aos *acting-outs* etc. Nas supervisões também foi possível serem levadas questões do amor de transferência que é endereçado ao analista e os comprometimentos em relação à orientação dos casos. Através das supervisões a estagiária pôde acessar o lugar do sujeito-analista que se confronta com seu desejo de curar, seu desejo de reconhecimento, de responder às demandas, situações em que o analista aparece como sujeito – contratransferência – a análise fica comprometida pois surge aí o desejo do sujeito-analista, provocando sua falha no ato analista.

Seguindo com os atendimentos das estagiárias algumas observações também foram levantadas tais como o fator o tempo na direção do tratamento, a questão financeira, uso do divã e as questões éticas da teoria em questão. Em relação ao tempo, a estagiária percebeu que alguns pacientes demonstravam respostas ao tratamento em menos tempo do que outros. Questões sobre quanto tempo deveriam durar os atendimentos, quantas sessões seriam suficientes para garantir êxito o processo de tratamento, como lidar com as faltas, e como tratar questões de pagamento com os pacientes, também inquietavam a estagiária. Duas questões referente a esta observação merecem destaque: o fator tempo e a questão financeira do tratamento. O tempo e sua relação com a direção do tratamento psicanalítico perpassam toda a obra de Freud e podemos pensar que Freud subverteu o tempo cronológico, a referência ao tempo vincula-se, mais uma vez, ao trabalho do sistema Cs 1 (Freud, 1975 [1915]). Lacan por sua vez trata-se de um tempo lógico.

Sendo assim, o analista deve ser esclarecido de que o estado de enfermidade do paciente pode não cessar pelo fato de ele ter começado o tratamento psicanalítico, em análise há um rompimento com a referência cronológica, o sujeito experiencia algo da ordem da atualidade, do real.

Para Freud (1913) destaca que para cada paciente deva ser atribuída uma hora específica e sugere que os atendimentos geralmente sejam seis dias por semana para casos avançados e três dias para casos mais leves, enfatizando que interrupções breves têm efeito ligeiramente obscurecedor sobre o trabalho. Sobre à duração provável de um tratamento o autor considera é quase irrespondível.

Sabemos que a questão do tempo em análise tem sido uma questão bastante discutida na história do movimento psicanalítico principalmente sob dois aspectos: duração da análise e duração da sessão. Lacan (1945) introduziu esta questão do tempo da sessão recontextualizando a experiência psicanalítica na função da fala e no campo da linguagem, propondo que o analista se oriente apenas pela palavra do analisante para conduzir a análise.

Outro ponto que merece atenção é a questão financeira no tratamento. Na clínica-escola é cobrada uma taxa simbólica dos pacientes que procuram o serviço devido ser um espaço de acesso a sujeitos de baixa renda. Porém para a estagiária foi muito difícil negociar tal valor ou até mesmo sugerir um valor maior. No tocante a negociação do valor a estagiária sempre se sentia angustiada. A psicanálise, dita por Freud, instrui o profissional a tratar também a vertente financeira do sujeito, a fim de inibir o pudor, e

ainda compara quanto às questões sexuais, determinando incoerência no tratamento. Seguindo suas palavras, Freud (FREUD, 1913/1996) comenta: que a questão do dinheiro ultrapassa os meios de autopreservação e de obtenção de poder do analista, para atingir questões éticas que apontam para o modo de funcionamento do paciente e que o analista deve estar determinado que, em seus negócios com os pacientes ao tratar de assuntos de dinheiro, deve tratar com a mesma franqueza natural com que deseja educá-los nas questões relativas à vida sexual.

Também merece atenção a maneira como o analisante se relaciona com o dinheiro, a estagiária se depara com uma paciente que há 06 anos utiliza o serviço da clínica-escola pagando o valor de R\$ 1,00 por suas sessões. Quando questionada sobre a possibilidade de qual valor a paciente estaria disposta a investir um valor maior para seus atendimentos a paciente recua e muda de assunto. É possível fazer sobre essa relação uma intervenção analítica a partir do cálculo proposto. Ao tratar o dinheiro como pagamento da sessão podemos considerá-lo segundo várias perspectivas, Lacan (1974) propõe ler a realidade psíquica com três registros: Real, Simbólico e Imaginário, o Real: seria a moeda que é presença em si, o Simbólico: presença que representa o Real que o sustenta, e o Imaginário: o que vale a moeda em si e nada mais.

Tornando o que se é comum dizer sobre a análise, é preciso trazer a classe social que seja mais acessível para o tratamento que seja adequado ao sujeito, já a psicoterapia, não extingue o financeiro, mas não vem a ser fator determinante no tratamento do cliente.

Sobre o local de atendimento, as sessões eram realizadas em salas reservadas e isoladas acusticamente, na sala existiam 2 poltronas e uma mesa de apoio. A estagiária logo indagou-se quando a questão do divã como não existia na sala como seria então realizar os atendimentos sem ele. Lacan, questiona o uso do divã na análise instituído por Freud como mobília essencial, ele não o retira da clínica, mas trata do uso frente a ética do profissional, percebendo que ele não é utilizado apenas para conforto e relaxamento do sujeito, mas para que ele não veja a face do analista enquanto a sessão, livrando-se de constrangimentos e interpretações sugestivas. Quinet (2009) pontua quanto às descobertas do divã, se confere a diferenciação do uso da mobília a psicoterapia, em ambas as áreas são consentidos o simples e o luxo, ao que se cabe pontuar através do seu texto está comparação: para as psicoterapias simples, o par poltrona-poltrona; para as psicoterapias de inspiração psicanalítica, a “dialética divã-poltrona e poltrona-poltrona”.

A estagiária então pode perceber que seria possível realizar os atendimentos por se tratar de uma clínica-escola, contudo o mais importante diante desta situação seria sua

conduta ética. A ética das práticas psicoterápicas está organizada em torno da busca pelo bem do sujeito. Em uma prática analítica não existe um saber prévio sobre o que é bom para o outro. Sobre as questões éticas em psicanálise a estagiária colocou-se a prova através da sua própria experiência durante todo o percurso do estágio com base nas teorias psicanalíticas, Lacan (1988, p. 9), esclarece o que se entende por ética em psicanálise:

“O que se reúne sob esse termo de ética da psicanálise permitir-nos-á, mais do que qualquer outro domínio, colocar a prova as categorias através das quais, naquilo que lhes ensino, acredito dar-lhes o instrumento mais apropriado para salientar o que a obra de Freud e a experiência da psicanálise que dela decorre trazem-nos de novo”.

Durante muitas vezes a estagiária desejou desistir principalmente diante dos casos em que ainda não havia estabelecido transferência com o paciente. A estagiária até tentou encerrar o atendimento de uma das pacientes, porém não foi possível devido as normas internas da clínica-escola. Coube a estagiária trabalhar esta questão no seu processo de análise pessoal e seguir com o atendimento. Em 1997, Lacan define *a ética da psicanálise* como o compromisso terapêutico de guiar o sujeito a fim do mesmo não ceder em seu desejo. Na ocorrência do Seminário 7, dedicado à discussão da ética em psicanálise, Lacan apontou também para o “nó estreito do desejo com a Lei”, sendo resultado do “complexo de castração” (1997, p.217), fazendo com que seja um compromisso ético, instruir aquele que analisa a (re)conhecer o próprio desejo; logo, os profissionais psicanalistas devem evitar a posição que chamou de “pastoral analítica” (1997, p.374), ou seja, devem se negar a responder às demandas dos analisantes por um ideal de “felicidade”: “A ética da análise [...] implica, propriamente falando, a dimensão que se expressa no que se chama de experiência trágica da vida” (1997, p.375-376). Assim, deixá-los livres de uma esperança imaginária de satisfação total e absoluta que não vai acontecer. A ética da psicanálise consiste em considerar o desejo, definido na relação intrínseca que estabelece com a Lei simbólica, como “faute” (crime, ausência, culpa).

A ética da psicanálise dirige o sujeito para uma posição desejante, o que implicaria o distanciamento de padrões normativos. Podemos encontrar indícios dessa afirmação, no texto *Variantes de um tratamento padrão*, em que Lacan (1955/1994) apoia-se em Freud para afirmar que análise é o que se espera de um analista discorrendo nessa obra, que é no rigor ético da psicanálise que podemos encontrar sua diferença em relação às práticas

psicoterapêuticas. Ética do desejo, que não corresponde a visar o bem, tampouco, o mal do paciente.

Uma análise feita por Araújo Antonio (2015) sobre a ética na psicoterapia e na psicanálise aborda questões únicas, conceitos que foram expostos na sua pesquisa, incluindo um diálogo com um membro da Escola Brasileira de Psicanálise – São Paulo (EBP-SP) pontuando a diferenciação ética em ambas as áreas quando diz: “experiência trágica da vida tem a ver com a dor de existir. A análise deve levar o sujeito a compreender isto: não existe felicidade, não existe eliminação total do sofrimento, isso tudo é ilusório”; a autora continua citando Valter (2010), psicanalista lacaniano:

A questão da cura é uma questão filosófica dentro da psicanálise, porque a própria constituição do ser humano o obriga a viver na insatisfação. Isso não é uma característica de cada um em particular, é uma coisa da estrutura do ser humano: nós somos condenados à insatisfação, isso é o que caracteriza o ser humano [...] essa insatisfação é que lhe permite ser um sujeito desejante. Então, a psicanálise não vai curar; essa insatisfação não tem cura, é da estrutura. Se propor a essa cura significa a morte subjetiva do ser humano, porque seria retirar ele da condição desejante, e isso tem que ser preservado. O que a psicanálise vai propor é o indivíduo conseguir conviver com essa falta que lhe é estrutural, sem fazer sintoma disso. A cura, como o indivíduo em completa satisfação, isso não existe, e a psicanálise nunca se propôs a isso; isso é do imaginário, a pessoa pode até procurar essa ilusão, mas cabe à psicanálise ir desiludindo-o pouco a pouco para que ele suporte essa verdade que é do humano, uma verdade existencial. Ter tudo, não dá, estar completamente satisfeito, não dá, mas, diante desse quadro, muita coisa há para fazer, pois a psicanálise trabalha sempre com prazeres possíveis, o prazer dentro daquilo que é possível pela estrutura humana, e aquele indivíduo que nos procura não está tendo nem o possível. Então, se ele conseguir o que lhe é possível, já é um progresso, e isso não é pouco, você concorda? (apud Antônio, 2010, p.54-55)

Nota-se aqui uma ideia de que o sujeito em tratamento indica os direcionamentos significativos para que a interpretação do analista siga na terapêutica, apesar das particularidades existentes na psicanálise lacaniana, há de manter um padrão ético nas técnicas abordadas quanto ao tratamento – não em cura.

Dedicamo-nos a abrir espaços para refletir sobre os limites e possibilidades de atuação da estagiária a partir de sua experiência buscando alternativas de intervenções pautadas nos aspectos conceituais da clínica psicanalítica, como possibilidade podemos destacar a compreensão da constituição do sujeito como efeito do seu inconsciente. Em seguida compreender que a direção da intervenção deve levar o usuário a refletir sobre

aquilo com o qual ele se queixa, levando-o a se incluir-se na realidade de seu sofrimento, este processo é facilitado pela transferência pois, trata-se da repetição, na atualidade e de modelos de relações infantis, é assim, a inclusão do analista na série psíquica do paciente (Freud, 1912/1996). É a transferência que permite que o sujeito se envolva no processo de análise. A possibilidade de realizar o atendimento sem o divã também merece destaque, com divã ou com a poltrona, o mais importante é o tratamento. A procura pela mudança depende do desejo de cada paciente – e o desejo este sim, é pontual em cada passo do ser humano.

A estagiária destaca como limite as singularidades do campo de estágio, tais como: o tempo limitado para os atendimentos devido o calendário acadêmico, a interrupção do tratamento com a troca de estagiários no final deste período são situações que interferem na construção do vínculo e conseqüentemente na eficácia do tratamento. Na psicanálise trata-se sempre de longos períodos, semestres ou anos inteiros, sempre períodos mais longos do que aqueles esperados pelo paciente (Freud, 1913).

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo geral deste estudo foi compreender a trajetória de formação clínica de uma estudante de Psicologia no manejo clínico com base na orientação psicanalítica analisando os limites e possibilidades destas vivencias. Durante os atendimentos foi possível adquirir não só uma bagagem de conhecimentos teóricos mais também desenvolver a prática profissional na área de psicologia clínica com base nas teorias psicanalíticas seguindo os preceitos éticos da teoria.

Observamos que há uma zona fronteira entre o saber acadêmico e o analítico. Ressaltamos aqui que os desafios discutidos nesse artigo fazem parte da prática não só dos estagiários, mas de todos os psicólogos que se propõem ao atendimento psicoterápico, os atendimentos realizados na clínica-escola possibilitaram que a estagiária saísse da zona de conforto sempre buscando estratégias e estudos para atender os seus pacientes compreendendo a singularidade de cada caso.

Mesmo com as normas e condições da clínica-escola foi possível encontrar condições psicanalíticas básicas, como: a instituição e a manutenção de um setting adequado, uma atenção prioritária na existência de um campo analítico, considerando as respectivas resistências, transferências, contratransferência, além de uma continuada atividade interpretativa. Também foi possível trabalhar questões sobre o tempo do tratamento e a questões financeiras como parte de investimento no tratamento.

Contudo conclui-se que a formação em psicologia por mais que seja fundamental, realmente é insuficiente para construir um percurso de formação do fazer do analista necessitando de estudo complementar.

O autoconhecimento e identificar quando uma demanda do paciente interfere nos sentimentos e emoções despertadas no próprio analista, são habilidades que o estagiário precisa dominar, e para isso é preciso ter muito embasamento teórico, ter acompanhamento de supervisões e estar em dia com seu processo pessoal de análise, condições fundamentais durante este percurso de formação que deve dar seguimento após o período acadêmico.

Na análise pessoal a estagiária trabalhou suas questões pessoais principalmente aquelas que foram atravessadas durante seus atendimentos e que em algum momento tornaram-se barreira para o andamento do estágio. Contudo não desistir também deverá fazer parte do processo.

## REFERÊNCIAS

ANTONIO, M. C. de A., **A ética do desejo: estudo etnográfico da formação de psicanalistas em escolas lacanianas de psicanálise**. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

ASKAFARÉ, S. **Da Ciência à Psicanálise**. Trad. Vera Pollo (inédito), 2002.

BRASIL. Conselho Federal de Psicologia. **Resolução 03/2007**, Brasília, 12 de fevereiro 2007.

BRASIL. Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008. **Dispões sobre estágio de estudantes**. [Diário Oficial [da República Federativa do Brasil] – Brasília, DF Diário Oficial da União - Seção 1 - 26/9/2008, Página 3.

DOR, J. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1991. (impressão 1997).

FERRAZ, F. C. **Transmissão e formação: apontamentos sobre o tripé analítico**. J. psicanálise., São Paulo, v. 47, n. 86, p. 87-102, jun. 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010358352014000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010358352014000100010&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 12 nov. 2022.

Figueiredo, A. C. **Psicanálise e universidade: reflexões sobre uma conjunção ainda possível**. Fractal: Revista de Psicologia [online]. 2008, v. 20, n. 1. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1984-02922008000100022>>. Acessos em 16 setembro 2022, pp. 237-252

FREUD, S. **Sobre o início do tratamento** (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I), 1913. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, pp. 161-187. Edição Standard Brasileira, Vol. XII.

FREUD, S. **Linhas de progresso na terapia psicanalítica**. In: S. Freud. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol.17. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Trabalho original publicado em 1919/1918)

FREUD, S. **Sobre a transitoriedade**. (1975) *In: Edição standard das obras completas de Sigmund Freud*. (Jayme Salomão, trad., v. 14, pp. 345-350). Rio de Janeiro: Imago, 1975 (Trabalho original publicado em 1916).

FREUD, S. **A dinâmica da transferência**. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol. 12). São Paulo, SP: Imago, 1996 (Trabalho original publicado em 1912).

FREUD, S. **A questão da análise leiga**. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol. 20), São Paulo, SP: Imago, 1996 (Original publicado em 1926).

FREUD, S. **Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?** In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 14, pp. 377-381). São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (Trabalho original publicado 1919/1918).

FREUD, S., **Fundamentos da clínica psicanalítica** / Sigmund Freud; tradução Claudia Dornbusch. -- 1. ed. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. -- (Obras incompletas de Sigmund Freud; 6).

FREUD, S. **Projeto para uma psicologia científica**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.1, p. 395-506. ( Trabalho original publicado 1895).

GROLLMUS, N. S.; TARRÈS, J. P. **Relatos metodológicos: difractando experiências narrativas de investigación**. Fórum Qualitative Social Research, Berlim, v. 16, n. 2, p. 1-24, mayo 2015. Imago.

JAPIASSU, H. **Psicanálise: Ciência ou Contra-ciência?** Rio de Janeiro: Imago, 1989.

LACAN, J. **O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada**. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1998). (Trabalho original publicado em 1945).

LACAN, J. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1992 (Trabalho original publicado em 1969-1970).

LACAN, J. (1974). *Seminário 22*. R.S. I. Texto não publicado.

LACAN, J. **O seminário, Livro VII: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

- LACAN, J. **O Seminário, Livro 4: A relação de objeto**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995. (Trabalho original publicado 1956)
- LACAN, J. **A Ciência e a Verdade**. Escritos. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- NICARETA, M. M. (2010). **A emergência da nova psicoterapia na era de ouro estadunidense: uma história inspirada nas arqueologias de Michel Foucault**. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- PIMENTA, S. G.; L., M. S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2012.
- QUINET, A. **As 4+1 condições da análise**. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- QUINTANEIRO, T.; B., M. L.; O., M. **Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.
- SANTOS, T. C. (Org.). **Efeitos terapêuticos na psicanálise aplicada**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.
- SCHWARTZ, C. (2000). **A brief discourse on psychotherapy and psychoanalysis: Historical perspective**. *Psychoanalytic Review*, 90 (2), 153-177.
- SEI, M. B.; PAIVA, M., L. de S. C. **Grupo de supervisão em Psicologia e a função de holding do supervisor**. *Psicol. Ensino & Form.*, Brasília, v. 2, n. 1, p. 9-20, 2011 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-20612011000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612011000100002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 05 out. 2022.
- SILVA, S. M. C. (2005). **Psicologia escolar e arte: uma proposta para a formação e atuação profissional**. Campinas: Alínea; Uberlândia: EDUFU
- SOUZA, O., **Psicanálise e universidade: ENSINO**. *Psicologia USP* [online]. 2001, v. 12, n. 2 [Acessado 16 setembro 2022], pp. 177-188. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65642001000200015>>. Acessos em 25 Mar 2002.
- WINNICOTT, D. W. **O brincar & a realidade** Trad. J. O. A. Abreu e V. Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- ZASLAVSKY, J. *et al.* **A supervisão psicanalítica: revisão e uma proposta de sistematização**. *Revista de Psiquiatria do Rio Grando do Sul, RS*, v.25, n.2, p. 297 – 309, agosto 2003.
- ZIMERMAN, D. E.. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica. Uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artmed, 1999.